

O Progresso Catholico

«... sequor autem, si quo modo
comprehendam...»

AD PHILIP. 3, 12.

RELIGIÃO E SCIENCIA
LITTERATURA E ARTES

«... ad ea quae sunt priora extendens meipsum
ad destinatum persequor, ad bravium
triumphi Ecclesiae... in Christo Jesu.»

AD PHILIP. 13, 14.

SUMMARIO: — *Carta Apostolica do nosso Santo Padre Leão XIII sobre os privilegios da America latina.* — *Provisão do Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Snr. Provisor do Bispado do Porto acerca da procissão do Corpus Christi.* — **SECÇÃO DOCTRINAL:** *A Milicia Christã (XLVII) Instituições,* pelo rev.^{mo} snr. dr. José Rodrigues Cosgaya. — **SECÇÃO HISTORICA:** *O enamorado de Maria (traducção);* — *Campana de Huesca,* pelo ex.^{mo} snr. Alves do Almeida; — *O pelicano,* pelo ex.^{mo} snr. Alves d'Almeida. — **SECÇÃO THEOLOGICO-MORAL:** *Sobre se as reliquias e imagens podem ser conduzidas debaixo do pallio;* — *Sobre se é valida a benção de ornamentos sacerdotaes, feita por um Sacerdote que não tenha faculdade para o fazer.* — **SECÇÃO LITTERARIA:** *Não morre!* pelo ex.^{mo} sur. Alves d'Almeida; — *Tempestade,* pelo ex.^{mo} snr. J. P. Mineiro; — *O meu sonho...*, pelo ex.^{mo} snr. Pereira da Cunha; — *Patria,* pelo ex.^{mo} snr. Elmano; — *Sonho!* pelo ex.^{mo} snr. J. P. Mineiro. — **SECÇÃO ILLUSTRADA:** *David mata Golias;* — *Santa Osoria, Virgem e Martyr.* — **RETROSPECTO.**

Gravuras: *David mata Golias;* — *Santa Osoria, Virgem e Martyr.*



DAVID MATA GOLIAS

CARTA APOSTOLICA
DO
NOSSO SANTO PADRE LEÃO XIII
Sobre
os privilegios da America latina

—
LEÃO XIII, PAPA

PARA FUTURA MEMORIA

DEPOIS que, por graça da Providencia divina, Christovam Colombo abriu a traveza do Atlantico um caminho para o Novo Mundo, a Igreja de Deus encontrou alli milhares e milhares d'homens que, seguindo sua missão, devia tirar das trevas e da selvageria para a luz e para a civilização; do erro e da superstição para a participação de todos os bens ganhos por Jesus Christo: da morte para a vida.

Este trabalho de salvação foi começado nos tempos do explorador Christovam Colombo pelo Soberano Pontifice Alexandre VI, Nosso antecessor. Depois, não se esfriando nunca a sua caridade, a Igreja cuidou de continuar este empreendimento; e tão effcazmente tem prosseguido, que na Nossa epocha já tem mandado suas santas expedições até ao extremo da Patagonia. E' que um campo extenso, fertilizado pelo descanso, quando é cuidadosamente cultivado produz fructos abundantes e remunera prodigamente os dispendios do cultivador.

Effectivamente os Pontifices romanos antecessores Nossos nunca deixaram d'enviar novos operarios a agricultural a America; e para lhes augmentar o zelo e d'esta forma os resultados do seu labor, gratificaram-os com poderes e privilegios especiaes e deram-lhes a força d'uma auctoridade unica. Com estas prerogativas e diffundidas que foram largamente em toda a America as luzes da religião, os Missionarios, apenas no espaço d'alguns annos, levantaram templos principalmente nas regiões em que se haviam estabelecido definitivamente os immigrants da Europa e em especial os hespanhoes. Ahí fundaram mosteiros, parochias, abriram escolas e por auctoridade dos Soberanos Pontifices crearam dioceses.

Em virtude d'isto e por causa da antiga religião e lingua d'estes novos habitantes, foi chamada America latina.

Mas proprio é das instituições e leis humanas que tudo quanto n'ellas ha, por mais sagrado e salutar que seja, pode ser modificado pelo uso, transformado pelos tempos, corrompido pelos costumes. Por isso succede frequentemente na Igreja de Deus, a qual oppõe á variedade da disciplina a immutabilidade absoluta do dogma, que medidas outr'ora oportunas e boas se tornam no decorrer dos seculos mal baseadas, inuteis e até prejudiciaes.

Esta a razão porque, tendo sido parte dos antigos privilegios abrogada, ou sendo a maior parte d'elles insufficientes, a benevolencia especial dos Soberanos Pontifices juntou-lhes outros poderes sob determinadas formas. Estes novos poderes, geralmente fallando, umas vezes tem sido delegados a todos os Bispos da America latina individualmente, outras concedidos em circumstancias especiaes e para determinadas regiões. Exce teriam em numero e extensão os antigos privilegios, mas não fizeram desaparecer as difficuldades tocantes á natureza, conservação e numero d'estes ultimos. Com o fim d'acabar com os inconvenientes d'essa situação, o Nosso antecessor de santa memoria, Pio IX, por carta expressa publicada no 1.º d'outubro de 1867, confirmou para trinta annos, em favor da republica do Equador, muitos privilegios antigos, ou os concedeu de novo, á medida da necessidade.

Mas o estudo dos monumentos ecclesiasti-

cos respeitantes á America latina, attentamente compulsado por homens versados n'esses trabalhos, mostra claramente que muitos dos privilegios concedidos á India occidental ou cahiram em desuso, ou então devem ser postos em duvida. Portanto, Nós que temos especial affecto pelas nações americanas, tão cheias de serviços prestados á Igreja romana, resolvemos desfazer, em materia tão importante, as perplexidades e embaraços em que se veem muitas vezes os Bispos d'aquellas dioceses e os outros interessados. Para isso ordenamos que a uma Congregação especial de Nossos Veneraveis Irmãos os Cardoas da Santa Igreja Romana fosse deferido o conjuncto dos mencionados privilegios. Esta Congregação, depois de madura deliberação, julgou bom formar e fazer approvar pela auctoridade apostolica uma lista de novos privilegios annullando as listas, summarios e catalogos publicados nos concilios provinciaes ou por qualquer outro modo.

Depois d'um attento exame da questão e movido pela sollicitude que dedicamos a todas as igrejas, adoptamos pois a opinião dos sôbreditos Veneraveis Irmãos os Cardoas da Santa Igreja romana, assim de que o clero e fieis d'aquelles paizes não fiquem inteiramente privados da tradição e do gozo dos seus antigos privilegios. Por estas mesmas letras concedemos, na plenitude do poder apostolico, os privilegios adeante mencionados, para os trinta proximos annos, a cada uma das dioceses e a cada uma das jurisdicções d'America latina. Desejando a prosperidade e felicidade de toda a America latina, e o bem da Igreja, ordenamos e decretamos isto:

I—Os Bispos eleitos residentes na America latina poderão, depois de terem recebido suas letras apostolicas de promoção, e se essas letras não prescreverem coisa contraria, receber a sagração das mãos de dois ou tres Padres constituídos em dignidade ou de conegos da igreja cathedral, chamados e assistidos por um Arcebispo catholico que por escolha dos sagrados tenha de presidir ao acto, se comtudo não se poderem encontrar sem grandes difficuldades outros Bispos assistentes.

II—A duração do Concilio provincial poderá ser delongada até doze annos, conservando o metropolitano o direito de o reunir repetidas vezes sendo necessario, e se a Sede apostolica não ordenar no entanto outra cousa.

III—Os Bispos terão o poder de fazer o Santo Chrisma—para o qual é licito empregar balsamo indigena, com tanto que seja natural—e os Santos Oleos em presença dos Padres que possam apparecer, o fora do dia de Quinta-feira Santa, se houver necessidade urgente.

IV—Poderão tambem empregar Santos Oleos antigos, não datando aliás de mais de quatro annos e comtanto que não estejam corrompidos, que hajam sido conservados com toda a decencia e não seja possivel obter outros mais novos.

V—Nos logares e paizes onde por causa das distancias, ou por outra causa de grave impedimento, é muito difficil aos serventuarios, ou aos missionarios que vão conferir o sacramento do baptismo, tomar nas fontes baptismaes em que se conserva e levar com elle agua benta de Sabbado santo ou do Pentecostes, os Ordinarios poderão, em nome da Santa Sé, conceder aos sôbreditos serventuarios e missionarios a faculdade de benzerem a agua baptismal com a formula mais breve que o Soberano Pontifice Paulo III auctorizou os missionarios do Peru a empregarem entre os indios, a qual se encontra no appendice do ritual romano.

VI—Se por falta de tempo, por fadiga ou por qualquer outro grave motivo for muito difficil observar todas as ceremonias prescriptas para o baptismo dos adultos, os serventuarios e missionarios, sob consentimento previo do Ordinario, poderão usar somente os ritos designados na Constituição *Altitudo* de Paulo III,

do 1.º de junho de 1537. Além d'isto, nas mesmas circumstancias, os Ordinarios poderão, em nome da Santa Sé, conceder aos serventuarios e aos missionarios o uso do baptismo das creanças, ficando a sua consciencia juiz, sob sua responsabilidade, da gravidade dos motivos que possam justificar esta faculdade.

VII—Em todos os Estados da America latina sem excepção, todos os Padres tanto seculares como regulares, durante todo o tempo que estejam n'esses Estados, mas não em outros pontos, poderão todos os annos, no dia 2 de novembro ou no immediato, segundo as rubricas do Missal romano, que assignala n'essa data a commemoração pela Igreja universal de todos os fieis defunctos, celebrar cada um tres missas, não podendo receber esmola senão pela primeira, e sem augmento da taxa regulamentarmente prescripta pelas constituições synodales, ou pelo costume do logar. Quanto ao fructo da segunda e da terceira missas, não poderão applical-o a um defuncto particular, mas a todos os fieis defunctos collectivemente, segundo a Constituição do Soberano Pontifice Bento XIV *Quod expensis* de 26 de agosto de 1748.

VIII—Todos os fieis poderão satisfazer ao preceito da confissão e da communhão annual desde o domingo da septuagessima até ao dia da oitava da festa do Corpo de Deus inclusivamente.

IX—Todos os fieis que habitam em sitios onde é impossivel ou difficil confessarem-se commodamente, poderão ganhar as indulgencias e jubileus que exigem confissão, communhão e jejum, cumprindo somente esta ultima condição, comtanto que tenham contrição e firme proposito de se confessarem o mais depressa possivel, pelo menos dentro d'um mez.

X—Os indios e os pretos poderão ajustar casamento no terceiro e quarto graus de consanguinidade ou d'affinidade.

XI—Os indios e os pretos poderão receber em todas as epochas do anno a benção nupcial, comtanto que nas epochas em que as oupicias são prohibidas pela Igreja se abstenham de pompa solemne no seu casamento.

XII—Os indios e os pretos não serão obrigados ao jejum senão nas sexta-feiras de quaresma, sabbado santo e vigilia do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo.

XIII—Os indios e os pretos poderão, sem onus nem esmola, usar do indulto chamado quadragesimal, concedido respectivamente pela Sé apostolica aos fieis das diversas dioceses ou dos diversos paizes. Poderão pois usar d'alimentos de carne, ovos e lactinios nos dias em que estes alimentos são vedados pela Igreja. A prohibição dos alimentos de carne fica porém em vigor nos dias acima indicados no artigo XII.

XIV—Em todos os processos criminaes ou outros que dependam da jurisdicção ecclesiastica, quando se haja de interpôr appellação das sentenças dadas *pro tempore*, se a primeira sentença foi dada pelo Bispo, appellar-se-ha para o metropolitano; se foi dada pelo metropolitano, appellar-se-ha para o Ordinario mais visinho sem rescripto da Sé apostolica. Se a segunda sentença for conforme á primeira, terá força de caso julgado e aquelle que a deu a fará executoria, sem embargo de qualquer outra appellação. Se as duas sentenças dadas, quer pelo Ordinario e o metropolitano, quer pelo metropolitano e o Ordinario mais visinho não forem conformes, appellar-se-ha para outro metropolitano ou para o bispo mais visinho d'aquello que deu a primeira sentença, e o ultimo juiz fará, das tres sentenças dadas, executorias as duas conformes entre si, as quaes Nós quremos se dê força de caso julgado, não obstante qualquer appellação.

Por outro lado, como o recurso para a Sé apostolica, mesmo immediato, quer antes quer depois da sentença dos juizes inferiores, deve sempre permanecer intacto, segundo a

regra do direito, o exercicio d'este privilegio devera ser subordinado ás seguintes condições: 1.º em qualquer processo, qualqúer das duas partes terá a faculdade de recorrer para a Sé apostolica ainda depois a primeira sentença; 2.º em todos os autos devera ser expressamente mencionada a delegação apostolica; 3.º as causas mais consideráveis ficam reservadas á Sé apostolica, segundo a regra do Sagrado Concilio de Trento; 4.º nos processos matrimoniaes observar-se-ha o prescripto na Constituição *Dei miseratione* de Bento XIV.

Todos os privilegios concedidos anteriormente, sob qualquer nome ou forma, ás Indias occidentaes pela Santa Sé, ficam derogados e annullados pela Nossa auctoridade, não obstante qualqur disposição em contrario, ainda mesmo especial e nominativa.

Dada em Roma, junto de S. Pedro, sob o annol do Pescador, no dia da solemnidade da Paschoa, 18 d'abril de 1897, vigessimmo anno do Nosso Pontificado.

A. Card. *Macchi*.

Provisão

JOSÉ CORRÊA CARDOSO MONTEIRO. Bacharel Formado em Theologia pela Universidade de Coimbra. Conego Chantre da Sé Cathedral e Provisor do Bispado do Porto.

Ao Reverendo Clero e Fieis d'esta Diocese saude e paz em Jesus Christo

SABER a todos em geral, e em especial aos moradores d'esta Cidade, que a Ex.^{ma} Camara Municipal participou ao Em.^{mo} Prelado ter resolvido fazer sahir da Sé Cathedral a Procissão do Corpo de Deus no seu dia proprio, 17 do corrente mez de junho, pelas seis horas da tarde, e lhe rogou concorresse pela sua parte com as necessarias providencias para a maior solemnidade d'este acto religioso.

De bom grado a Auctoridade Ecclesiastica se associa aos desejos da Ex.^{ma} Camara, e lhe presta os merecidos louvores por seus sentimentos de piedade para com Jesus Sacramentado.

A publica e solemne affirmação da nossa crença por meio do culto vae além de convicto ensinamento,—brilha como exemplo efficacissimo.

Que aproveita a fé sem obras? — Pelas obras mostrar-te-hei a minha fé, ensina-nos São Thiago: observar pois os preceitos do Evangelho e confessar seu Auctor na presença dos homens não é sómente dever, é tambem uma necessidade e a melhor, senão unica garantia da familia e da ordem social, porque na crença d'um Deus bom e justo, que é Pae de todos, se reconhecem os homens como irmãos, pela observancia dos mandamentos se moralisam os costumes e, como consequen-

cia, a auctoridade é respeitada e não temida, porque *quem resiste ao poder sabe que resiste á ordenação de Deus.*

Em vão se tem procurado fóra do Evangelho fundamento estavel á sociedade; a experiencia mostra com a maxima clareza, que as virtudes domesticas e civicas desaparecem com a perda da Religião e que *mal obedece a Cezar quem não sabe servir a Deus.*

Pugnemos pois pelo Evangelho em defeza da familia e da sociedade, e bem mereceremos pelejando este bom combate contra as paixões e exclusivismo dos interesses mundanos.

Estes beneficios, porém, não são unicos nem os melhores, que promanam da doutrina revelada, porque o Divino Mestre quer preparar os homens para o Pae Celestial, quer que o bem temporal sob o influxo da graça *desabroche em fructos de vida eterna. O meu reino não é d'este mundo — tudo o que fizeres seja sempre para gloria de Deus —.*

Para cumprir e completar esta missão Jesus como que pede ao coração a gemma mais preciosa do seu amor; nos extremos do seu affecto não consente que fiquem *orphãos os filhos que amou até ao fim; e,* antes de humilhar-se até á morte de cruz, opera o mais extraordinario dos milagres, o maior de todos os mysterios — resolve viver perpetuamente entre os homens pelo Santissimo Sacramento da Eucharistia.

Na ultima Cêa, em presença d'aquelles a quem havia promettido o pão Eucharistico, e solemnemente affirmado que *o mesmo era a sua verdadeira carne e quem a comesse teria a vida eterna,* institue, como penhor da Nova Alliança entre o Céu e a terra, aquelle Augusto Sacramento. A infinita sabedoria, a misericordia e bondade divinas excogitaram para santificação das almas esta fonte inexaurivel de graças, este precioso e divino maná que permite antegosar as ineffaveis doçuras da vida celeste.

O Sacramento de piedade, sois a fecundidade da vida que se estende atravez dos seculos e dos povos, a mais sublime e commovente expressão da caridade de Jesus; sois o vinculo de união entre os homens consummada na posse de Deus —.

Se os céos, como diz o Psalmista, narram a gloria de Deus e o firmamento annuncia as suas obras, a linguagem humana é impotente para cantar as maravilhas d'este Sacramento e tecer-lhe o hymno de louvores que trasbordam do coração humano.

Jesus Sacramentado convida todos para o seu banquete espirital, a todos quer dar-se, — *eu sou o pão da vida, quem vem a mim não mais terá fome —.*

Escutemos esta voz, não sejamos

insensíveis á ternura de tanto affecto, não esperemos que Elle nos repita: *ó estultos e tordos de coração para crer.* Aproximem-se todos que para todos ha lugar; os peccadores sentirão como Magdalena seus corações abrazados em amor, os fracos serão fortalecidos, os atribulados receberão allivio e consolação e as almas boas e piedosas, contemplando face a face o seu Deus, realisam, mais felizes que Moysés, a sua posse n'esta vida.

A quem nos concede tantas dadivas e beneficios, tantos bens e graças, seria deshumano corresponder com ingratição; e tal sentimento não se abriga, felizmente, nos corações dos Portuenses, que por certo, correspondendo ao convite da Ex.^{ma} Camara e ao appello da Auctoridade Ecclesiastica, não deixarão de comparecer no dia 17 do corrente mez para renderem cultos a Jesus Sacramentado, glorificando-o com palavras de acrysolado amor e profundo reconhecimento.

Pela minha parte, no impedimento, por falta de saude, do Em.^{mo} Senhor Cardeal Bispo e cumprindo as ordens de Sua Em.^{cia} Rev.^{ma}, accedendo ao pedido da Ex.^{ma} Camara e cooperando quanto em mim cabe para o esplendor d'esta Procissão, ordeno que compareçam n'ella todos os Ecclesiasticos de Prima Tonsura, Ordens Menores e Sacras que n'esta Cidade do Porto, e até á distancia de uma legua, se acharem domiciliados ou de passagem, os quaes se apresentarão na Sé Cathedral e darão seus nomes ao Reverendo Escrivão da Camara Ecclesiastica, para os relacionar. Se, porem, algum estiver legitimamente impedido, justifico-o-ha por meio de requerimento documentado até á vespera do dia da festividade, e sendo deferido, o apresentará ao mesmo Reverendo Escrivão da Camara para tomar nota, e a seu tempo certificar dos que faltarem por motivo de dispensa.

Em conformidade com a Constituição Diocesana, trajarão sobrepeliz e o habito ordenado pelo rito e Pastoraes vigentes: irão os de cada freguezia debaixo da sua respectiva cruz, caminhando com gravidade e religiosa modestia, acompanharão a Procissão desde a saída da Sé até completar o seu giro, e muito confio nenhum dará o censuravel escandalo de a abandonar durante o seu transito.

Pelo que respeita aos Reverendos Parochos, tomarão capa de asperges sem estola e deputarão dous cantores para os Hymnos e Psalmos do estylo.

Esta Provisão será lida pelos Reverendos Parochos á estação da Missa Conventual, e os mesmos darão conhecimento d'ella ao Clero da sua freguezia, e me enviarão dous dias antes da

Procissão uma relação dos que foram avisados, informando de que assim o cumpriram.

Dada no Porto e Paço Episcopal, sob a minha assignatura, aos 7 de junho de 1894.

JOSÉ CORRÊA CARDOSO MONTEIRO,
Provisor do Bispado.

SECÇÃO DOUTRINAL

Milicia Christã

XLVII

INSTITUIÇÕES

NATURAL que os subditos respeitem e amem os seus superiores; assim como o é, que estes com amor dirijam aquellos nos caminhos da paz, da justiça e da ventura, com verdadeiro amor: mas como são homens os que obedecem e também os que mandam, abusando por vezes estes e aquellos da sua liberdade, perturbam frequentemente a sociedade; porque a auctoridade oscila, ou a obediencia arrefece.

Mas nem por isso essa auctoridade deixa de ser uma cousa veneranda.

E', ou pelo menos devia ser, um firme amparo do innocente e do desvalido, o freio dos malvados, mantenedora da ordem bella, do trabalho proficuo e da virtude amavel, perseguidora do ocio, das empresas ruinosas e dos vicios corruptores; o solio da paternidade, que preside a grande familia, que forma uma nação; a balança da justiça, o braço do poder, e a providencia humana em acção.

Esta auctoridade, porém, não nos apparece em abstracto, mas sim n'uma personalidade physica ou moral levando por diadema os louros nacionaes, n'uma mão, o codigo, que nos governa, e na outra a espada, que nos defende, assim como o pae de familia leva os appellidos d'esta, guarda os titulos da sua propriedade e defende os seus direitos.

Ora agora assim como os filhos amam o lar paterno, assim os subditos deverão amar a patria, que é o grande lar da familia, que forma uma nação.

E assim como os filhos devem respeitar os bons titulos, que o pae tem, para governar, assim também os subditos respeitarão, os que, para governar, possuem essa auctoridade suprema. E assim finalmente como se amam e respeitam os bons costumes, que honram a familia, assim também se deverão amar e respeitar as instituições do Estado, que nos governa.

E' certo que os filhos, quando o pae joga ou malbarata os bens da familia, tem o direito de se queixar e amargurar-se e também de procurar evitar a

ruína, que os ameaça pelos meios racionais; é porém arriscadissimo intentar tirar-lhe o governo da casa, difficil de conseguir, e, quando se consegue, de grande escandalo e pouco resultado: assim também temos o direito de chorar os males, que resultam da má direcção dos negocios publicos e de os procurarmos evitar pelos meios legaes ao nosso alcance; nunca porém a revolução é um direito, a não ser para sacudir o jugo tyrannico do estrangeiro, e isso porque a nação é um individuo moral, que tem sempre o direito de procurar a sua independencia, sempre para ella ponto racional d'honra.

Ha sem duvida instituições más, codigos elaborados á luz fusca de paixões violentas, que encerram leis iniquas, que não obrigam: mas as instituições todas teem por base uma lei suprema, que nos manda respeitar e obedecer á auctoridade superior, que sanciona as instituições e d'ahi resulta o respeito que merecem as instituições em vigor.

Nem se nos diga prohibido desejar e até procurar por bons meios instituições melhores, o que importa é procurar homens talentosos e probos, que as ponham em execução, segundo as leis da justiça e da caridade, procurando o bem do povo a que presidem e não gosos e riquezas para si.

As fórmulas de governo são todas admissiveis como boas, se adequadas aos costumes e bem estar do povo, a que se destinam: mas aquella que mais parecida seja com a instituição paternal na familia, tal qual a lei natural, a divina e as humanas a reconhecem, essa será a preferivel.

A familia não elege pae, o povo que é uma grande familia não elege Rei. A Providencia o dá á familia, acceitem os povos os que ella lhes der.

A lei das maiorias é inadmissivel.

Bem mais vale o juizo d'um sabio que o de dez ignorantes, o direito do dono que a cobiça de dez ladrões, a virtude d'uma donzella que o vicio de dez desvergonhadas, e assim nas outras cousas de valor moral.

Em forças de cavallo, ou saccos de ouro, valem as maiorias, em virtudes e direitos os quilates de justiça e perfeição.

Teem as maiorias a sua razão de ser em sociedades, cujos membros escolhidos sabem o que devem saber e amam o que devem amar: mas isto não se póde dizer dos filhos de nenhum povo, porque em todos os povos são mais os ignorantes que os sabios, mais os que se alastram no caminho do vicio que os que militam na senda da virtude, e sendo isto certo dar-se-ha sempre o triumpho da iniquidade.

DR. JOSÉ RODRIGUES COGAYA.

SECÇÃO HISTORICA

O enamorado de Maria

(Tradução)

I

S BERNARDINO de Sena, cuja festa se celebra no dia 20 de maio, era nos primeiros annos da sua vida um perfeito modelo dos meninos christãos. Muito joven ainda, ficou orphão de pae e mãe. Sob a amorosa tutela de Tobia, sua tia, iam-se deslisando os primeiros annos de Bernardino, cujo espirito avançava rapidamente pelas vias da perfeição, sem fazer caso dos fascinadores silvos da serpente infernal que tentava arrastal-o após si para o envolver logo na asquerosa lama de caducos e levianos prazeres.

Quando a existencia de Bernardino chegava aos dezoito annos de idade, aquelle menino havia-se convertido como por encanto em robusto e vigoroso joven; a sua estatura era regular e graciosa, o seu rosto purissimo estava adornado com todos os encantos da juventude, e na sua fronte ondulavam os formosos e virginaes cabellos, que se agitavam ao tremulo contacto da brisa: todo elle, emfim, achava-se revestido de tanta nobreza e elegancia que todos o olhavam estupefactos.

Tobia, em todas as occasiões que se lhe offereciam, exhortava ao que tratava como seu proprio filho a que tivesse sempre deante de seus olhos o livro da lei de Deus, a que considerasse que o principio da verdadeira e mais alta sabedoria era o temor do Senhor, o qual, como luminoso pharol, devia guiar em cada instante da vida todas as suas acções e movimentos.

Mas o que com mais entusiasmo lhe aconselhava, o que constituia, por assim dizer, o objecto dos seus raciocinios, era a santa virtude da pureza.

N'uma occasião em que Tobia, entregue por completo aos impulsos do fervor, repetia com vehemencia as suas frequentes exhortações, e recomendava a Bernardino que velasse continuamente o thesouro da castidade, procurando evitar a convivencia com pessoas de differente sexo, ouviu estupefacta que seu sobrinho, com o sorriso nos labios e os olhos scintillantes, a interrompeu dizendo-lhe:

—Apesar de tudo isso, creio, senhora, que nem com todas as mulheres se corre esse perigo que dizeis; e que podem muito bem dar-se relações amorosas entre individuos de diverso sexo, sem que o inimigo da nossa salvação abra brecha na pureza do coração, logo que as mesmas relações não sejam contrarias ás leis e preceitos do nosso divino e amantissimo salvador Jesus.

—Dizes bem, meu filho—replicou Tobia, procurando decifrar o problema que se encerrava n'estas palavras —dizes bem, pois nem em todas as relações ha esse perigo que arrasta tantos desgraçados pela senda do crime, se ellas são reguladas e em tudo conformes á lei de Deus, o qual pôde defender-se sem nenhuma difficuldade, na theoria, mas na pratica... ah!... rara, rarissima vez succede; posto que ao principio as mesmas relações sejam boas e nada suspeitas, breve degeneram e se convertem em más sem se conhecer. Senão dize-me: Conheces algum individuo que tenha conservado puro e immaculado o thesouro da graça, em meio de tão perigosos successos como em semelhantes relações acontecem?

—Querida tia, nada lhe posso dizer das outras pessoas, porque, como sabe, nunca gostei de me preocupar com a vida alheia; mas se quer que lhe falle por experiencia propria, se deseja que lhe manifeste os mais occultos segredos do meu coração... Desde ha muito tempo que sinto no meu coração um fogo devorador, uma paixão ardente por uma formosissima donzella. Desde o momento que tive a felicidade de a ver pela primeira vez senti germinar em meu peito um amor tão vehemente que julgo que as aguas reunidas de todos os mares não bastariam para fazer afrouxar a sua intensidade. Desde então só para ella vivo e ella é senhora de todas as minhas acções; entreguei-me todo a ella, e estou disposto a quebrar lanças com o primeiro que tente manchar aleivosamente o esplendor da sua gloria. N'ella penso continuamente e a ella se dirigem todos os suspiros que se desprendem dos meus labios. E' tanto, enfim, o amor que lhe consagro, que a uma leve insinuação sua arrancaria sem vacillar os meus olhos e louco de entusiasmo os depositaria em suas mãos.

Estas palavras, pronunciadas com tanta vivacidade, cahiram sobre o coração de Tobia como o peso d'uma rocha, porque aquella não conhecia perfeitamente os thesouros de virtude que adornavam a alma de seu sobrinho. Enquanto Bernardino fallava, sua tia tinha os olhos fixos no rosto do mancebo, e apesar da sua reconhecida experiencia não podia descobrir n'elle nada que se inclinasse á malicia ou fosse inspirado por amor mundano; mas ainda assim achava-se indecisa entre encontrados ventos de suggestões diversas que batalhavam na sua mente; mas, recobrando logo a serenidade e com o olhar fixo no chão, disse-lhe:

—Não serei eu, querido Bernardino, quem tente dissuadir-te, nem me atreverei a levantar a minha voz para

attenuar o ardor dos teus amores, se é vontade de Deus que trilhes esses caminhos... mas advirto-te que olhes attentamente se isso é do agrado divino e se procedes com a pureza de consciencia que deve aformosear todas as nossas acções.

—Ah! Não receie que esse amor cause o mais leve damno á minha alma, pois desde o primeiro instante que o senti até o dia d'hoje só me tem produzido bens, alegria e felicidade; e o mesmo succederá para o futuro emquanto não me afastar do ponto a que me dirijo; e este afastamento nunca se dará, não, querida tia, nunca se dará.

—Poderei vêr e fallar a essa formosa donzella que tão docemente te subjogou, para estar certa de que entre ella e tu não periga a candura e a innocencia que tanto me custou a conservar na tua alma até agora?

—Pois não, querida tia. Acompanhe-me a dar um passeio pela cidade e conseguirá vê-la e fallar-lhe junto á porta *Camolla*, onde ella indubitavelmente me espera. Ah! eu morreria de tristeza se não a visitasse pelo menos duas vezes ao dia. Oh! se visse o quanto é risonha, como é encantadora!... Sim, não se demore, venha commigo e vê-la-ha, conseguirá tambem fallar-lhe e acabará por amal-a, estou certo, querida tia, sim, amal-a-ha. Ella é tão formosa!...

II

Já a noite ia pouco a pouco dissipando os seus negros crepes e a aurora apparecia derramando sobre a terra os seus primeiros raios, quando na cidade de Sena não se ouvia ainda o mais leve rumor. Todos descanzavam; as portas das casas estavam fechadas e pelas suas ruas desertas não passava uma só pessoa. De subito o estalido de um portão que girando sobre os seus gonzos, deixou passagem livre a um galhardo mancebo que, abandonando a sua casa, se dirigia apressadamente para um extremo da cidade, veio perturbar este silencio. Pouco depois via-se outra pessoa que á maneira d'uma sombra se deslisava pelas encruzilhadas que formavam as ruas e caminhava em seguimento do joven. Esta pessoa era Tobia. No maior silencio marchava algo distante do mancebo, observando com todo o cuidado os seus mais insignificantes movimentos. Parou enfim n'um lugar occulto e viu que Bernardino se detinha. Onde? precisamente na porta *Camolla*, que era, segundo lhe havia dito na noite anterior, o lugar da entrevista. O seu corpo estremeceu machinalmente, e um frio glacial circulou por todas as veias ao vêr chegado o

momento em que ia descobrir o segredo que tanta inquietação lhe tinha causado; occultou-se o melhor que pôde para não ser vista, dirigiu com ancia um escrutador olhar, e... ficou como assombrada por um raio. O que tinha visto? Em frente ao logar onde se achava Bernardino estava a porta que chamavam *Camolla*. Sobre a porta destacava-se, esbelta e magestosa, a imagem de Maria, representando o mysterio da sua gloriosa Assumpção. Ao chegar ante a imagem, o gracioso joven descobriu-se reverente, ajoelhou-se e ergueu as mãos e dirigindo-lhe o seu dôce e ardente olhar, ficou immovel e como arrebatado em sublime extasis, contemplando tão encantadora belleza, pallido reflexo d'aquella rainha soberana que está sentada junto do throno da Deidade Beatifica.

Apenas Tobia contemplou esta scena commovedora, sentiu cahir-lhe dos olhos a venda que os cobria, e então, e só então, pôde apreciar dignamente a força do amor que abrasava o peito de Bernardino e reconhecer que a formosissima donzella a quem seu sobrinho se entregára por completo era a serenissima Rainha dos Anjos: pelo que sentiu uma satisfação mui íntima, vendo que os seus desvelos tinham feito do terno mancebo um santo enamorado da Mãe do Amor formoso; e um immenso jubilo invadiu tão rapidamente o seu espirito, que não podendo supportar-lo foi lançada por terra. Mas voltou logo a si e levantando-se dessimuladamente, correu para casa, onde Bernardino não tardou a regressar.

Foi muita a violencia que Tobia fez para reprimir no peito o goso impetuoso que o inundava; mas por fim conseguiu dominar-se um pouco e dirigindo-se ao joven sobrinho que acabava de chegar, disse-lhe com entrecortado accento:

—Filho, disseste-me hontem que estavas enamorado d'uma formosissima donzella e que morrerias de tristeza se não a visitasses pelo menos duas vezes por dia. Confesso que durante a noite não pude passar pelo somno assaltada sempre por este pensamento; assim, peço-te que me digas com toda a franqueza quem é essa senhora, pois d'outra maneira me obrigarás a arrastar uma existencia miseravel no curto tempo que me resta de vida.

Bernardino guardou silencio por alguns momentos; o seu rosto empallideceu, os olhos illuminaram-se-lhe, o seu semblante revestiu-se de uma magestosa apparencia e com voz firme disse:

—E' Maria... é a Rainha do amor... é a Mãe de Jesus Christo!!

Tobia, ao vêr a attitude celestial de Bernardino, julgou-se na presença d'um Anjo e sentiu-se quasi impellida a vêr,

neral-o; fazendo um supremo esforço, correu para elle, estendeu-lhe amorosamente os braços e estreitando-o contra o seu coração, disse-lhe:

—Feliz de ti, meu filho, mil vezes será ditosa a tua vida e a tua morte por teres dedicado todo o teu amor á mais excelsa Creatura que o Creador Supremo se dignou crear: ella será o teu amparo enquanto te achares n'este misero desterro e te fará grande aos olhos do seu divino Filho e tambem aos olhos dos homens... Feliz de ti, meu filho, feliz de ti, que orphão de mãe, encontraste uma Senhora tão terna e carinhosa...

A sua voz afogada pelo pranto não pôde proferir uma palavra mais; mas aquellas que pronunciou parece que foram inspiradas pelo eterno Deus.

Com effeito, Bernardino chegou a ser religioso franciscano, e foi grande em tudo: grande na santidade que aprendeu do seu seraphico Padre S. Francisco, e grande na sabedoria que bebeu a flux nas obras immortaes do seu veneravel mestre Escopo; grande como Apostolo, pois a sua voz se fez ouvir em todas as cidades de Italia; grande como mestre, pois teve por discipulos varões tão eminentes como S. João de Capistrano, caudillo da batalha de Belgrado, S. Jacome de Marca, defensor do Santissimo Sangue de Christo, o celebre Bemaventurado Alberto de Sarciano e outros muitos que brilharam no seculo XV no céo da Igreja e da Religião seraphica como astros de primeira grandeza. Foi tambem grande como protogonista no triumpho do nome de Jesus e grande emfim na sua morte, pois mereceu que a Rainha dos Anjos lhe fizesse a honra de lhe apparecer e lhe dissesse: «No céo gosarás eternamente os meus dons.»

Digno premio a um enamorado de Maria!

Campana de Huesca

AU MEU AMIGO PADRE J. LOPES ROCHA

QUANDO El-Rei d'Aragão, D. Affonso, o Trabalhador, morrido sem filhos, depois de varias dissensões sobre a successão, se accordou em pedir licença ao Summo Pontifice, para que o irmão do Rei defuncto, D. Ramiro, monge do mosteiro de S. Poncio de Tomeraz da ordem de S. Bento, pudessem casar e succeder no throno: e tendo esta graça sido concedida, foi D. Ramiro coroado Rei d'Aragão; porém, como vinha do claustro, pouco tempo era passado, quando viu que o tratavam com menos respeito, por saber

que lhe chamavam *Frei Cogula* e diziam que era um rei que tratava de igrejas, sinos, etc., etc.

Convicto d'isto, resolveu pedir conselho, por carta fechada, ao Abbade do seu mosteiro, que, ao receber a mensagem, andava tratando d'umas flores no jardim da caza: leu-a attentamente, e sem dar palavra, continuou no seu intretenimento, cortando as has-tes mais altas das flôres: e quando o mensageiro lhe pediu resposta, apenas disse:

«Bem vês que não posso deixar este aprazivel passatempo para te responder por escripto; e por isso dize a El-Rei teu amo a occupação em que me viste, e o que te respondi.»

E voltando o portador algo descontente por não trazer outra resposta a El-Rei, viu este, ao escutal-a, que aquella era bastante: e por ella mandou convocar côrtes em acto continuo, fazendo saber que queria fundir um sino que se ouvisse em todo o Aragão, o que ouvindo os grandes reunidos, para logo começaram a rir e a zombar, dizendo que El-Rei, como frade, apenas tractava de *campanas*, etc., etc.; mas bem depressa se esqueceram de taes motejos, porque d'ali a pouco estavam as cabeças dos primeiros quinze postas em volta da grande sala... encostadas ao guarda-vassouras por sua ordem; e já não era *Frei Cogula* que alli estava, mas sim o poderoso Rei de Aragão.

E querendo D. Ramiro, ao que parece, ver se já era respeitado, perguntou ao primeiro magistrado de Huesca, que havia poupado:

—Que te parece esta *campana*?

—Está boa, senhor, lhe torna o juiz, porém falta-lhe o badalo.

—Pois bem, acrescenta o Rei, dirigindo-se aos executores regios, cortae-lhe a cabeça, e assim ficará completa a obra.

E d'esta fórma foi preenchida a falta que o decapitado acabava de notar na famigerada *Campana de Huesca*, fundida n'esta cidade, como dito fica, em 1164. (*Annaes de Zurrita*, tomo I).

ALVES D'ALMEIDA.

O pelicano

NÃO falta quem duvide da existencia d'esta mais celebrada que conhecida ave; mas é certo que existe, porque Valdecebro, no seu *Governo geral das aves*, diz:

«O pelicano é do tamanho d'uma garça, tem as pennas curtas e feias, côr branca ou algo cinzenta, cabeça quasi redonda sempre coroada d'uma

crista de pennas em fórma d'arco, olhos bonitos, collo curto e grosso, bico um tanto curvo, azas crescidas, encontros fortes, pés grossos, unhas compridas, e finalmente, muita carne e pouca penna, d'onde lhe vem ter o vôo tarduo.

Engole ostras e outras conchas marinhas que torna a lançar fóra, logo que as sente abertas, para comer o que ellas teem dentro; faz o ninho em terra, cavando com o bico o preciso para chocar os ovos, que costumam ser 8 a 10, mas que nunca sahem todos por causa da humidade do terreno; gosta da solidão, e n'ella vive de preferencia; quando lhe falta alimento para os filhos, costuma rasgar o peito para com o sangue os intreter, dando não só alimento aos vivos, mas tambem vida aos mortos, se os tem; tão amiga é dos filhos, que a mãe ás vezes tanto os aperta e acarinha, que os mata, sem dar por isso; mas vindo depois o pae, ao vê-los mortos, igualmente rasga o peito, para deixar correr sobre elles o sangue que os resuscita. E se alguma cobra lh'os mata, accrescenta o padre Thomaz Blanc, com Sancto Epiphanio, e S. Jeronymo, (Epistolas) o primeiro que dá com elles mortos, costuma fazer o mesmo.

Finalmente, tal é o amor que estas aves consagram aos filhos, que, para se apanharem, basta saber-lhe do ninho, e pôr-lhe fogo ao ver approximar-se alguma d'ellas, porque n'este momento... não ha receios: quer salvar os filhos, e por isso arremeça-se ao fogo, agita as azas para o apagar, e como quanto mais forceja, mais o accende, cresta-as, deixando-se então cahir em poder do fraudulento caçador!

Que differença não ha entre o sentir d'estas innocentes aves, verdadeiro «*Symbolo d'amor filial*», e o de tantos paes desnaturados, que, quando não matam seus filhos, os engeitam, devotando-lhes um criminoso olvido, para eterno escandalo de Deus e dos homens!

Pensae bem n'isto, ó mães barbaras! E vós, ó paes sem alma, sem Deus, sem nada, olhae para o procedimento do pelicano pae, e córae de vergonha, se é que ainda tendes algum vestigio d'ella!

ALVES D'ALMEIDA.

SECÇÃO THEOLOGICO-MORAL

Actos da Santa Sé

Sobre se as reliquias e imagens podem ser conduzidas debaixo do pallio

A SAGRADA Congregação dos Ritos, em seu decreto de 27 de maio



SANTA OSORIA, VIRGEM E MARTYR

de 1826, estabelece, como regra geral, que não é permittido, sob qualquer pretexto, levar processionalmente as reliquias dos Santos debaixo do pallio.

A mesma prohibição se estende ás estatuas e imagens dos Santos Patronos ou outros, sem exceptuar as da Santissima Virgem Maria. (26 d'abril de 1834, 27 d'agosto de 1836 e 11 d'abril de 1840). E' egualmente prohibido collocar a imagem da Santissima Virgem sobre a mesa-altar (11 de março de 1837).

A mesma Sagrada Congregação, em 31 de março de 1821, manda supprimir como abuso intoleravel o costume de collocar sobre o sacrario em que se guardam as Sagradas Particulas, reliquias, quadros ou imagens de Santos, de fórma que o tabernaculo lhes sirva de peanha.

Sobre se é valida a benção de ornamentos sacerdotaes, feita por um Sacerdote que não tenha faculdade para o fazer

Padres que teem benzido ornamentos sacerdotaes sem terem faculdades para isso, ou por as receberem de quem não lh'as podiam dar. E' valida esta benção?

E' opinião commum entre os auctores de rubricas, que estas benções não podem dar-se senão por aquelles que se acham convenientemente auctorizados pela Egreja. (*Quartus in lib. de Benedictionibus, tit. I, sect. IV, dub. 2; Baruffaldus, tit. 44, n.º 18; Catalanus in Rit. Rom., tom. 2, tit. 3, c. I*) Deve crêr-se, pois, que tal benção é nulla, porque a Egreja não a ratifica, devendo por conseguinte benzer-se de novo os ornamentos por quem tenha as devidas faculdades.

SECÇÃO LITTERARIA

NÃO MORRE!

AO MEU AMIGO E SNR. MENDES ROSA

Passam Aurelios, Voltaires,
Sardanapalos, Trajanos,
Caracalas, Adrianos,
Heliogabalcs, Suneres,
Nervas e Domicianos:

Passam Minos, Assueros,
Calligulas, Syros, Darios,
Aretinos, Titos, Arios,
Tiberios, Claudios, Neros,
Constancios, Sergios e Marios:

Sim, morrem bons e tyrannos,
Mas não morre o Pescador
Que em nome do Redemptor,
Ha perto de dois mil annos
Abesolve... o peccador!

Mas não morre a Lei de Christo
Que, por *doze homens* sem fundo,
Se espalhou por todo o mundo,
Sendo que hoje o mais previsto
Lhe acata o saber profundo!

Mas não morre o Deus eterno
Auctor do homem primeiro,
O grande Deus verdadeiro
Que faz tremer o inferno
E abalar... o mundo inteiro!

Mas não morre a Lei divina
D'aquel Deus todo bondade,
Que á fragil humanidade
Todos os dias ensina
O caminho... da verdade!

Mas não morre o justo Deus
Que ha de julgar os traidores,
Os parvos diffamadores,
E os sempre loucos atheus
Com todos os malfeteiros!

Mas não morre o Papa-Rei,
Quer seja Pedro, quer Lino,
Alexandre ou Marcelino;
O sabio que á sua grey
Aponta... o throno divino!

Não morre, porque Jesus
Lhe assegurára o reinado,
Já d'antes prophetizado
Por aquelle astro de luz
Que em Davido nos foi dado!

E todo aquel que o pensar,
Saiba que vive enganado;
Porque o Deus crucificado
O ha de um dia julgar,
Bem longe do mundo airadol!

E alli, ante o Sempiterno
E toda a Côte celeste,
Lhe dirá: «Já que o quizeste,
«Ahi tem l'o fundo averno:
«Vae, maldicto! Que te infeste!»

E zo vêr-se assim desherdado
Do Reino de Jehovah,
O reprobó gernerá,
Como geme o condemnado
Que ao mal remedio não dá:

«Maldicto seja o proscripto
«Que aos povos arranca a crença,
«Dando-lhe em troca a licença!
«Maldicto, sempre maldicto,
«O que em derrocar só pensa!»

Mas já tarde, e sem recurso
Para aquella alma perdida,
Que gastara a curta vida
No sacrilego concurso
Do sempre estulto deicida!

E lá vae para as profundas
Do reino da escuridade...
A pagar sua maldade
N'aquellas furnas immundas
Por toda a Eternidade!...

Mas deixemol-o descripto
Da romana Sanctidade,
Por saudar a magestade
Do que nunca foi vencido
Aos olhos... da Divindade!

Por saudar o grande vulto
Que ao mundo tem ensinado,
E ás nações aconselhado
O sempre divino culto
Do Martyr sacramentado!

Salvé pois, ó Rei de Roma,
A quem mil povos veneram,
E de cuja bôcca esperam
Ouvir o perdão que doma
Até aos... que desesperam!

Salvé, grande Leão Treze,
Açoite do communismo
E campa do anarchismo,
Bem que ao socialismo peze
Tão prudente... cezarismo!

Salvé, salvé, Deus da terra!
Quasi como ao Salvador,
Eu te venero, senhor!
E quer na paz, quer na guerra,
Em ti vejo... um Redemptor!

ALVES D'ALMEIDA.

TEMPESTADE

AO MEU AMIGO F. ARRAIANO

As nuvens se encadeiam similhando
Enormes montes, penhascos gigantes,
A neve cae em pastas fluctuantes
Que co'o vento no espaço andam brincando.

Christão, n'este momento recurvando
O corpo, as orações mais supplicantes
A Deus eleva! A todos os instantes
O vento as velhas arvor's arrancando.

Terrível, assombrosa é essa noite,
O lobo sem ter aonde se acoitte,
O cão á porta uivando tristemente.

O norte rugé, berra e atrevido
Abriu a porta d'um rude postigo
Correndo todo o casebre audazmente.

J. P. MINEIRO.

O meu sonho...

.....
..... E vi, que delicias! um
jardim esmaltado de flôres brilhantis-
simas cujo cheiro era tão suave que me
embriagava. Pasmei á vista de tão gran-
de belleza!...

Uma nuvensinha de fumo baixava
do ceu, branca, mais branca que a ne-
ve e se espalhava junto d'um regatosi-

nho que ahi corria brando e suave.
Admirei tão artistica belleza!...

De repente esse fumo despregou-se
dos ares e ficou no chão em forma
d'um throno...

Eu pensava... eu scismava... eu
dava mil voltas ao meu pensamento...
quando de repente uma luz, cujo brilho
não tem equal, mais brilhante que o
sol doirado da Primavera, me offusca
os sentidos e eu caio desmaiado dei-
xando cair os *bouquets* das flôres que
tinha apanhado...

No meio do desalento das minhas
forças vi uma Senhora cuja fronte scin-
tillante ninguem podia encarar: ves-
tidos mais brancos que a agua crystal-
lina das fontes, uma cintura mais azul
que a côr do ceu, uma corôa de bri-
lhantes e perolas na sua estrellada ca-
beça, e dois Anjos tambem de belleza
extraordinaria, vestidos de branco, es-
palhavam flôres ao passo que a Senho-
ra descia. Eu não sentia a afflicção que
dá o desmaio, mas o prazer que sente
o coração perante uma cousa bella.

Esta visão descia a passos lentos e
um côro d'Anjos suspenso no ar, tendo
no meio um mancebo com a fronte in-
clinada apontando com a mão direita
para o seu Coração, entoava hymnos
tão melodiosos como meus ouvidos nun-
ca ouviram.

Dois anjos sustentavam um distico
em letras douradas que dizia: «Aquel-
le que ama o meu coração será amado
de meu Pae e em mim achará toda a
doçura». Vi isto, e de repente os anjos,
companheiros da Senhora, se curvaram
reverentes e uma nuvem doirada es-
condeu-me a segunda visão. A Senhora
chegou-se a mim e eu retomei os sen-
tidos.

Assentou-se no throno e os anjos
curvados com reverencia, me fizeram
curvar tambem. Passados alguns mo-
mentos a Senhora disse-me: «Que fazes
tu aqui?» Estremeci ao ouvir uma voz
tão suave e as lagrimas rebentaram-me
dos olhos e os suspiros do coração.

Não tive resposta para dar a uma
voz tão meiga, tão terna e tão doce!...

A mesma pergunta repetiu-se e ouvi
mais: «Não temas, quem te falla é a
Virgem do Rosario». Com voz tremula
respondi entre soluços: «Senhora, colho
flôres». «E para que são essas flôres?»
«São para adornar os vossos altares que
é hoje o ultimo dia do mez de Maio». Calou-se a Senhora e mais nada ouvi.

Depois passados mais alguns momen-
tos o ceu começou a abrir-se, os anjos
cantavam e vi assentado em um throno
doirado recamado de brilhantes e perol-
as o Mancebo que ha pouco vira apon-
tando para o seu terno Coração. Então
tornei a ouvir a voz da Senhora que
me disse: — Meu filho, vou deixar-te.
«Como, minha mãe, deixar-me? Vosso

coração não se compadecerá de me ver lacrimoso por essa belleza?»—Ora, me respondeu a Senhora, ora, crê e espera; eu serei contigo. — Eu vou, me disse a Senhora, eu vou alegre e cheia de jubilo pelo teu juvenil offerecimento; agradeço-te e em recompensa te dou a minha benção. E' verdade, que é hoje o ultimo dia do meu mez, mas amanhã principia outro não menos encantador, o mez de Junho, o mez do amor, o mez de meu Filho, o mez do meu Jesus que vês n'aquelle throno convidando-te a que o ames.

Vou-me embora, meu filho, ora e peço-te... De repente uma nuvem levou aquella visão para os ceus ficando o firmamento todo matisado d'estrellas. Accordei, olhei em volta, perguntando a mim mesmo se seria realidade?... ah mas eu dormia!... Foi sonho, mas que belleza!... «E peço-te...» Que queriam dizer aquellas palavras?!

Que queria dizer a minha visão?!... Que quererá dizer o meu sonho?! Que Maria nunca desampara os seus filhos que a amam e estes nunca devem deixar de pronunciar seu nome, nem mesmo de noite.

Seu nome, o nome de Maria, deve andar na bocca dos fieis até mesmo nas trevas quando descançam das fadigas do dia. Ah Maria, minha Mãe, permitti que este sonho, este ideal, seja real na hora da minha morte.

Adeus, mez de Maio, mez de doçura e belleza! Salvé! mez de Junho, mez de doçura e amor!

PEREIRA DA CUNHA.

Patria

«Amemos a patria, consagramos-lhe os nossos affectos.»

PALAVRA misteriosa e altamente significativa! Nome aureolado das mais odoríferas e roçagantes violêtas! Só este nome inspira uma epopeia! Em ti e por ti se nobilitaram as entidades historicas, que são a admiração dos tempos hodiernos! E' o teu nome, ó patria, que inspira aos poetas admiraveis estancias e como que, por ti coagidos, te dedicam as primicias das suas composições! Foi, lembrando este nome immaculado, que se inflammaram os corações dos grandes guerreiros, entre os quaes nos cabe a subida honra de enumerar o pastor, tristemente celebre, dos montes Herminios. O amor da patria é uma nobre aspiração. Está logo em seguida ao que consagramos aos nossos extremos progenitores. Patenteia-se no meigo sorriso da debil creancinha que apenas balbucia sons inintelligiveis.

E' este amor que leva os homens a praticar actos verdadeiramente heroicos, que totalmente escapam a toda a humana expectativa, d'onde, não poucas vezes, lhes resulta a morte. E' por causa d'este louvavel amor da patria, que a nostalgia penetra no coração d'aquelle que, sendo seu disvellado filho, tem a desdita de a contemplar em guerra aberta e sem treguas com o inimigo visinho, e collocado na impotencia de a socorrer.

E' ainda este amor que põe a descoberto, no rosto do proscripto, a saudade do torrão natal, saudade que, qual aguda setta, lhe mina a existencia.

Este amor é congenito á natureza humana. Sem este amor, Egas Moniz não se submeteria, juntamente com sua idolatrada esposa e filhos, a uma tão mesquinha, como commovedora condição, perante o rei de Castella.

Xerxes não houvera demorado sua marcha, perante um punhado de valentes, nas Thermopylas. E se compulsarmos a historia, essa pregoeira incansavel da bravura dos tempos preteritos, e conservadora inalteravel dos heroismos presentes, o que se nos depara?

Espiritos integerrimos, superiores a todos os encomios, imporem-se a toda a altura dos varios postos de que elles mesmos se encarregaram. Assim:

Affonso Mendes Sarracines, a darmos credito á historia,—de cuja veracidade não é licito duvidar,—arremessa-se, no ataque d'Elvas, aos fòssos, com grande perigo da sua vida, para salvar a do rei Sancho II, consequentemente a autonomia da patria.

D. Francisco de Lencastre dá-nos, na historia, provas d'um acendrado heroismo, em ser o primeiro que, no assalto de Valença, subiu ao alto das muralhas que guarneciam esta praça. Martim Moniz, vendo fechar-se a porta do castello, atravessa-se á entrada para dar ingresso aos seus compatriotas. Em fim seria longo e fastidioso enumerar todos os homens que amaram a sua patria a ponto de dar a sua vida em sua defeza; porisso, limito-me aos já mencionados. Portanto, amemos a nossa patria de todo o nosso coração, com todas as nossas forças. Amemol-a, não levando pela obrigação, mas sim pelo amor que todos lhe devemos consagrar, e como bons patriotas. Não descuremos jamais a patria dos Albuquerque, dos Gamas e tantos outros heroes que legaram aos seus posteros um nome immortal.

Amemol-a, sim, mas façamos anteceder o amor da religião, porque sem este não existe aquelle. Religião e Patria! São estes os dois symbolos dos espiritos fortes, das grandes intellectualidades. Estas duas cousas estão intimamente unidas, são como que corolla-

rio uma da outra. Porisso, primeiro que tudo, sejamos religiosos, para depois sermos verdadeiros patriotas e genuinamente Portuguezes.

ELMANO.

Sonho!

(A M. N. R. A.)

*Amar é tudo que encanta...
E' a esperança no futuro,
E' ter uma alma mais santa
Viver n'um mundo mais puro.*

O AMBIENTE saturado de vivificantes e odoríferos cheiros, incitava á contemplação do ideal; conduzia a alma candida, da candida Maria a regiões longiquas e ethereas, onde existe tudo quanto é divino e surprehendente. Ali proximo, serpenteava, murmurando com suavidade, o rio, marginado de altos amieiros, salgueiros e vimes, cujas flexiveis varinhas iam beijar as aguas transparentes que recebiam aquelles beijos castamente, transportando-os nas ondinhas velozes á margem opposta.

A chilreada das muitas avesinhas que se empoleiravam nas arvores em roda, enchiam a amplidão de sons alegres e crystalinos que iam perder-se ao longe, misturando-se com o murmurio suave e monotono dos pinheiraes; e n'essa hora, da *sêsta*, os trabalhadores descançavam á sombra das cópadas amoreiras, esperando a continuação do trabalho penoso e fatigante.

Maria dormitava; dormitava e sonhava, a julgar pelo fagueiro sorriso que se lhe distinguia entre os castos labios carminados; sorria tão angelicamente como os seraphins do altar de Nossa Senhora.

Ali proximo via-se cahido um livro ricamente encadernado, de Lasserre.

Talvez a leitura de tão deliciosas e pias paginas precedesse aquelle somno virginal como os virginaes instinctos da dormente.

Quedou-se alguns instantes extasiada, suspirou depois, e esfregando levemente os olhos, olhou em roda e murmurou com doçura:

—Que pena, ser um sonho!

Ficou meditabunda, e fitando os olhos amortecidos no livro que deixara cair, repetiu:

—Que pena, que pena!

Pouco depois contou á mãe o seu sonho.

Julgara-se transportada vertiginosamente atravez a visinha Hespanha, á gruta da Virgem de Lourdes e ahi,

entre os numerosissimos feis que iam offerecer humillimas orações á Soberana Rainha, assistiu á realisação de alguns milagres, qual d'elles mais surprehendente e extraordinario.

Os canticos divinos reboavam com louco phrenesi, estonteando quem tinha a ventura de os escutar, e demonstrando as delicias e encantos de um mundo posterior e melhor.

Um joven sacerdote desenrolava um sermão arrebatador, ante mais de cinco mil almas que o escutavam religiosamente, attentamente.

A Virgem de Lourdes espalhava profusamente no sumptuoso sanctuario raios beneficos e deslumbrantes que arrebatavam a alma ás raias das longiquas e celestes moradas e... Maria accordou.

*

Não admira pois, que ella tivesse exclamado:

—Que pena ser um sonho!

J. P. MINEIRO.

SECÇÃO ILLUSTRADA

David mata Golias

(Vid. pag. 135)

SAUL estava presa do espirito maligno. Como as suas agitações só podiam ser acalmadas por meio da musica, os seus officiaes lhe aconselharam que procurasse no seu reino um homem habil em tocar harpa, e que o tivesse na sua companhia, afim de que nas occasões em que o espirito maligno mais o atormentasse, pudesse achar immediatamente algum allivio.

Tendo o rei approvado um conselho que era todo para bem da sua saude, um dos officiaes disse-lhe que vira em Bethlehem um dos filhos d'Isai, que era muito destro n'aquelle instrumento, e que era além d'isso moço robusto e valente, discreto, de presença agradável, e que lhe seria muito util.

Saul mandou chamar David á côrte, e como não era permittido falar com os principes sem lhes fazer presentes, Isai, que era um simples pastor, encarregou David seu filho d'offerecer ao rei presentes bem conformes á simplicidade antiga: um pão, um odre de vinho e um cabrito. Saul ficou tão encantado com David e com as suas prendas que o fez seu escudeiro e mandou dizer a seu pae Isai, que o conservaria sempre junto de sua pessoa. Porque todas as vezes que o espirito maligno o agitava, David tomava a harpa e os sons que d'ella tirava socejavam repentinamente o rei.

Tendo por este tempo os Philisteus invadido a tribu de Judá, e vindo acampar no valle de Terebinto entre Socho e Azeca, assignalou-se David por uma heroica proeza. Havia entre os inimigos um gigante chamado Goliath ou Golias, que era da cidade de Geth. Tinha seis covados e um palmo d'altura, dez pés e meio pouco mais ou menos. Trazia na cabeça um capacete de bronze, e andava revestido d'uma couraça que pesava aproximadamente cinco milsicles de bronze, isto é, sessenta a setenta e cinco kilos. As pernas vinham envolvidas em laminas de bronze que lhe desciam até aos pés. O escudo tambem de bronze lhe cobria os hombros, e o conto da lança era como o orgão d'um tear, e o seu ferro pesava nove a dez kilos.

Este homem orgulhoso da sua estatura e força se apresentava todos os dias com a sua armadura deante das phalanges d'Israel e desafiava a todos os Israelitas a combate singular: «Para que se hade derramar o sangue de tantos homens? dizia elle. Acaso não sou eu Philisteu, e não sois vós servos de Saul? Escolhei pois um d'entre vós que venha medir-se commigo. Se eu ficar vencido, seremos vossos escravos; mas se eu o vencer e matar, vós reconheceréis o nosso dominio, e servir-nos-eis.»

O Philisteu repetia todos os dias insolentemente o mesmo desafio, mas ninguém ousava responder-lhe. Perguntando um dia David o que se daria a quem matasse aquelle incircumciso, respondeu-lhe o povo que o rei o encheria de riquezas, lhe daria a filha em casamento, e isentaria de tributos a casa de seu pae. Foi elle logo ter com Saul, e pedir-lhe licença para pelejar com aquelle insolente inimigo. «Isso não póde ser, respondeu-lhe o rei, ainda és muito moço e não tens experiencia da guerra, como querias tu então triumphar d'um homem pratico em manejar as armas desde a sua mocidade?»

«Quando o teu servo, replicou David, apascentava os rebanhos de seu pae, vinha ás vezes um leão ou um urso arrebatador um cordeiro do rebanho. Então eu corria atraz das feras, atacava-as e arrancava-lhes dos dentes a preza. Quando se lançavam a mim, agarrava-as por as guellam, estrangulava-as e matava-as. Foi assim que o teu servo matou um leão e um urso. O Senhor que me livrou das garras e dos dentes d'aquelles animaes, tambem me livrará das mãos d'esse Philisteu, e eu farei cessar o opprobrio lançado sobre Israel por esse incircumciso, que se atreve a amaldiçoar o exercito do Deus vivo.»

Saul convencido por taes palavras deixou-o ir. Pôz-lhe na cabeça um capacete de bronze e mandou-o vestir

uma das suas couraças. Tendo David cingido uma espada, experimentou se poderia andar com tão forte armadura. Mas sentiu-se embaraçado com tão enorme pezo, e pediu a Saul que o não obrigasse a servir-se d'armas a que não estava habituado. Tomou simplesmente o cajado que sempre consigo andava, escolheu na torrente cinco calhaus rolados, pô-os no surrão que trazia, e segurando a funda na mão, marchou contra o Philisteu.

Quando Golias viu o adversario que lhe oppunham armado d'aquella maneira, zombou d'elle. «Acaso julgas, lhe disse elle, que eu sou algum cão, para assim vires para mim com um cajado? Anda cá, que vou dar a tua carne a devorar ás aves do ceu e ás feras do matto.»

David respondeu-lhe: «Tu vens para mim com espada, lança e escudo, e pões a tua confiança nas armas, porém eu venho para ti em nome do Senhor Deus dos exercitos que tu hoje desafiaste. Elle te entregará nas minhas mãos, eu te derrubarei e cortar-te-ei a cabeça, e hei-de dar hoje os cadaveres dos Philisteus ás aves do ceo e ás feras do matto, para que todo o universo saiba que ha um Deus em Israel, e para que toda essa multidão d'homens conheça que não é por a espada, nem por a lança que o Eterno salva, mas sim por a sua unica vontade, a qual é soberana senhora de todos os acontecimentos.»

O Philisteu avançou então e foi sobre David. Este por sua parte tratou tambem de o investir, e, quando chegou já perto d'elle, mettu a mão no surrão, tirou uma pedra e despedindo-a com a funda, acertou na testa do Philisteu, que caiu para traz. David precipitou-se sobre elle, e com a sua enorme espada lhe decepou a cabeça.

Os Philisteus vendo morto o mais valente dos seus pozeram-se em debandada. Os Israelitas perseguiram-n'os até ás portas d'Accaron e vieram depois saquear-lhes o acampamento, apoderando-se de todas as riquezas que continha.

* * *

Santa Osoria, Virgem e Martyr

(Vid. pag. 141)

Na desgraçada epocha da irrupção dos africanos em Hespanha em consequencia do attentado de D. Rodrigo com a filha do conde D. Julião, vivia em Jaca, capital da provincia d'este nome, a santa virgem e martyr Osoria ou Osoria, minada de magoas pela desgraça do seu paiz e pedindo a Deus remedio para uma calamidade tão grande. Occupava-se com effeito dia e noite

em oração e em macerar seu innocente corpo para aplacar a justa indignação do Senhor. Mas temendo com sobrada razão os insultos que os mouros faziam ás donzellas christãs, retirou-se a uma horrorosa caverna do monte Yebra, sito no dito bispado de Jaca, perto dos Pyreneus, junto á qual se conserva no dia de hoje uma crystallina fonte com o nome da santa, que se crê ter mandado a seus rogos para satisfazer sua ardente sêde e a dos companheiros que se refugiaram com ella na mesma gruta fugindo ao poder dos agarenos.

Pareceu a Eurosia que estaria segura n'aquella espantosa solidão, rodeada de matto espesso; mas apesar do insolito e agreste do sitio foi descoberta pelos africanos. Ficaram admirados estes logo que viram a peregrina belleza da nobilissima donzella; certos de que seria um valiosissimo presente para o seu general, trouxeram-na comsigo. O general recebeu a prenda com immenso regosijo, não menos surprehendido de sua rara formosura do que de sua singular modestia: quiz obrigar a renegar a Jesus Christo para a desposar segundo o sentir de uns, ou a que descendesse com seus torpes desejos, como opinam outros; mas resistindo-lhe a donzella christã com heroica fortaleza, tomado de extraordinario furor, vendo-se despresado, mandou-a degollar immediatamente, e que a mutilassem, segundo nos dizem os escriptores.

O glorioso martyrio de Eurosia foi a 25 de junho do anno de 714. Os fieis recolheram o santo corpo e deram-lhe sepultura, mas com o tempo perdeu-se a memoria do logar: o qual quiz Deus manifestar de um modo portentoso. Foram conduzidas as sagradas reliquias a Jaca onde permanece incorrupta com um odor exquisito. No sitio do martyrio conservam-se a cabeça e os cabellos com uma porção de sangue que verteu o cadaver depois de muitos seculos em certa occasião, em que D. João, Bispo de Jaca, quiz cortar um pedaço de carne para reliquia.

A cidade de Jaca venera-a por patrona e tem alcançado por sua intercessão muitos beneficios do céo em toda a classe de apuros.

RETROSPECTO

Musica para as primeiras communhões de meninos

Muitas pessoas zelosas se preocupam, e com razão, do modo como dar realce ás communhões solemnes de meninos

Ser-lhes-ha, pois, agradavel saber que o auctor da nova musica das «Promessas do Coração de Jesus» teve em

vista d'um modo especial estas sympathicas solemnidades.

Como já dissemos, empenhou-se em que fosse não só devota, mas tambem entusiastica e de facilima execução para as creanças.

O effeito não pôde deixar de ser agradabilissimo, toda a vez que se guarde a mesma ordem que ao auctor pareceu conveniente.

Indicando-a aqui, aproveitamos o ensejo para transcrever os versos que, sem deixarem de ser mimosos, são claros e de facil comprehensão para o povo.

CORO (musicos ou povo)

Almas de Jesus mimosas,
Ouvi celeste pregão:
As promessas amorosas
Do divino Coração.

1.ª PROMESSA (meninos)

«Ao que a Deus servir medite,
Se carreira encetou já,
Quantas graças necessite
Meu Coração lh'as dará.

2.ª PROMESSA (meninas)

«Se discordias o inimigo
No lar christão semeou,
Junctae-vos, filhos, commigo,
Está a paz onde eu estou.

3.ª PROMESSA (meninos e meninas)

«Quem nas penas d'este exilio
Clamar a meu Coração,
No trabalho tem auxilio
E conforto na afflicção.

CORO (musicos ou povo)

Almas de Jesus mimosas, etc.

4.ª PROMESSA (meninos)

«Quem me fiar sua sorte
Feliz na vida será,
E com sancta e dóce morte
Seus dias coroará.

5.ª PROMESSA (meninas)

«De meu terno amor em prenda
Certo o meu amparo tem
Para tudo quanto emprehenda
E convenha p'ra seu bem.

6.ª PROMESSA (meninos e meninas)

«Fonte e mar inexgotavel
De clemencia e de perdão
Ao peccador miseravel
Será o meu Coração.

CORO (musicos ou povo)

Almas de Jesus mimosas, etc.

7.ª PROMESSA (meninos)

«Uma alma outr'ora fervente,
Caida agora em torpor,
Que a estas chaminas se aquente,
Renascera p'ro fervor.

8.ª PROMESSA (meninas)

«E as almas fervorosas
Sobro as azas da oração
Podem voar pressurosas
A' mais alta perfeição.

9.ª PROMESSA (meninos e meninas)

«Coração empedernido,
Que nada pôle abrandar.
Abrandando a mim unido
O ministro do altar.

CORO (musicos ou povo)

Almas de Jesus mimosas, etc.

10.ª PROMESSA (meninos)

«No seu lar a minha imagem
Quem puzer e conservar,
Hei-de-lhe a pia homenagem
Com bençãos a flux pagar.

11.ª PROMESSA (meninas)

«E quem a seu cargo tome
Este culto diffundir,
Em meu Coração seu nome
Para sempre hei-de esculpir.

12.ª PROMESSA (meninas)

«Quem, a seguir, nove mezes
O pão dos anjos tomar
Todas as primeiras vezes
Que Sexta-feira raiar:

(Meninos e meninas)

«Dom ineffavel alcança
Por meu divino favor:
De em final perseverança
Expirar em meu amor.»

Para maior solemnidade, a musica das «Promessas do Coração de Jesus» está desenvolvida, na parte cantante, a todos os versos precedentes. O acompanhamento a orgão ou piano é completo até ao fim da quarta quadra.

A partitura comprehende, pois, 6 paginas de musica, em formato grande, além do frontispicio ornado com o retrato da B. Margarida Maria.

A ultima pagina comprehende as approvações e indulgencias, concedidas a esta valiosa publicação por varios Prelados do reino e ilhas, destacando-se principalmente a mui notavel concessão do Ex.^{mo} Bispo do Funchal.

Acha-se á venda na administração do *Progresso Catholico* e nas livrarias «Catholica» e «Portugueza» aos Loyos. Pôde tambem ser fornecida pelos revs. directores diocesanos do Apostolado da Oração e, na sua falta, pelo editor—J. Sarmiento, em Guimarães, que tambem fornece os versos separadamente, a 200 reis cada cento de folhas.

Espectaculo commovedor

Ha dias teve logar na Basilica do Sagrado Coração de Montmartre o encerramento dos exercicios espirituales

que Mons. Turinaz, Bispo de Nancy, fez aos pobres de Paris, que em numero de quatro mil accorreram a ouvir a palavra de Deus. Depois da missa da communhão, resada pelo mesmo Prelado, este dirigiu pela ultima vez a palavra ao seu numeroso auditorio, terminando com as seguintes piedosas considerações:

«A religião, meus irmãos, só faz e ensina-nos o bem; logo é a verdade que vem de Deus. Se sempre tivésseis sido fieis aos seus preceitos, muitos de vós, victimas de suas proprias paixões, não se encontrariam na miseria. Interrogaes a vossa consciencia e reconhecendo que isto é certo, acceitae a vossa actual situação com a paciencia que ao servir de expiação a vossas passadas culpas vos façam crêdores á eterna recompensa que a todos vos desejo».

A physionomia do Salvador

Eis como Nicephoro, patriarcha de Constantinopla, descreve a physionomia do Salvador:

Estatura elevada, e gesto de tal sorte grave, que quantos se approximavam, amavam-n'o. Seus cabellos, repartidos, na testa, segundo o uso dos nazarenos, tinham a côr d'uma avelã madura, e eram lisos e abundantes. Alastrados sobre os hombros, arqueavam em ondas até terminarem em caracoes. A testa era espaçosa, o aspecto sereno, sem rugas nem nodoas. As faces eram docemente coloridas, e a bocca e o nariz perfectos.

Em todas as suas feições era insculpido um sensível caracter de constancia e verdade. Tinha grandes e brilhantes os olhos: era terrível a sua expressão quando reprehendia; affavel e doce quando exhortava.

A alegria tinha em seus labios uma gravidade propria: ninguem o viu rir, e seus olhos estavam sempre embaciados de lagrimas.

Falava pouco; mas sempre com dignidade; por seu mesmo exterior, parecia altear-se sobre a forma humana.

Legado de S. Francisco de Sales

S. Francisco de Sales, no seu *Testamento Espiritual*, lega-nos a seguinte disposição:

«Eu dou e lego-vos a humildade, a pedra de toque da verdadeira devoção que distingue a hypocrisia da piedade, a mãe das virtudes, a que trabalha continuamente na reforma da vida, na ordem das acções, e que anda sempre acompanhada da caridade.

... Mais facilmente voltarão de novo os rios á sua nascente, o corpo pesado se erguerá, ou o sol perderá o seu brilho, que uma alma mediocre em sua devoção possa ter humildade. Ella não pertence senão aos que são de todo con-

firmados no amor de Deus, que estão já mortificados, que estão esquecidos do mundo, que são idolatras de si mesmos...»

Deus seja bendito!

Lemos em *La Croix* o seguinte caso, narrado por um Parocho de Paris:

«Visitei uma familia cuja mãe e filha soffreram horribes queimaduras no Bazar de Caridade, mas não muito graves.

Ellas tinham ido ás 3 horas da tarde para o Bazar com um filho, afastado, como tantos outros, de toda a pratica religiosa.

Às 4 horas manifesta-se o incendio e o mancebo consegue tirar a mãe d'aquelle brazeiro, mas bastante queimada.

Em seguida entra de novo para salvar a sua piedosa irmã.

O fogo rodeia-o e uma trave queimada cae sobre a cabeça sem lhe fazer nenhum mal, nem sequer queimal-o. A sua pobre irmã foi salva com algumas queimaduras alguma coisa graves.

No dia seguinte conversando com as suas queridas doentes, o mancebo dizia a sua irmã: «Acho verdadeiramente extraordinario aquella trave em chamma que cahiu sobre a minha cabeça me não ter feito a mais pequena queimadura; se fosse devoto, attribuiria isto a um milagre.»

—E porque não? replicou a irmã. Meu amigo, vae buscar o teu chapéu. Admirado, o joven fez o que a irmã lhe pediu, sorrindo-se.—Descose-lhe o forro e vê o que eu puz lá uma hora antes de irmos para o Bazar de Caridade.

Cada vez mais intrigado, o mancebo encontrou presa ao forro do chapéu uma medalha miraculosa...—Deus seja bendito!—exclamou o salvador de sua mãe e irmã, reconheço o milagre e amanhã vou-me confessar e communhar em acção de graças. E cumpriu a sua palavra».

Consequencias da incredulidade

No jornal *La Croix* lêmos o seguinte:

Achava-se um operario n'uma taberna a expôr as suas ideias socialistas, e dizia ao seu auditorio:—Não mais patrões, não mais gendarmes, não mais Padres! Imaginem que minha mulher, quando casamos, empenhava-se em ir á missa e guardar abstinencia todas as sextas-feiras, mas breve consegui que ella se deixasse d'isto.

«Foi para sua casa, e encontrou sua mulher e tres filhos mortos por asphyxia, vendo sobre a meza um papel em que aquella dizia: «Emquanto cri em Deus tive forças para supportar a miseria; mas desde que meu marido me fez incredula, não quero que meus filhos nem eu sofframos mais, e vou com elles para a eternidade.»

São estes os fructos da impiedade.

A tuberculose e o leite

Diz o *Buletin Therapeutique*, que o laboratorio municipal procedeu ao exame bacteriologico do leite que se vende em Paris, resultando d'esse exame que em dez analyses de leite se encontraram seis sem conter nada de anormal e quatro contendo o bacilo da tuberculose.

Este facto demonstra mais uma vez o perigo do leite crú, não conhecendo a sua procedencia, como succede sempre nos grandes centros, e é necessario usal-o fervido, principalmente os enfermos e creanças.

A acção da maçonaria á hora da morte

A *Lectura Dominical* publica um excellento artigo ácerca da influencia da maçonaria na hora da morte dos seus infelizes adeptos.

Ao lado do enfermo reúnem-se em guarda infernal os mações, segundo o seu proprio regulamento.

«As horas de serviço são desde as oito da manhã ás onze da noite, excepto nos casos de gravidade, que será então de vinte e quatro horas completas.»

Não pode haver mais interesse, nem mais zelo, nem mais carinho que os que á primeira vista prestam os mações n'esta guarda permanente á cabeceira do leito do seu Ir. enfermo. Mas atravez d'este interesse, d'este zelo e d'este carinho, descobre-se a cilada maçonica ou o verdadeiro motivo de tão continua vigilancia, a qual é procurar a todo o transe que a alma do mação enfermo vá parar ás profundezas do inferno.

E' este e não outro o segredo da assiduidade com que os mações velam o seu infeliz Ir. enfermo. Impedir que lhe fallem nos sacramentos, e até fechar a porta ao sacerdote que, inflamado pelo fogo da caridade, queira penetrar na alcova do moribundo para arrancar a sua alma ás garras de Satanaz.

Subscrição a favor de peregrinos doentes ou pobres a Lourdes

Para que mais agradavel seja a Nossa Senhora a peregrinação portugueza a Lourdes, muito convém que levemos na nossa companhia alguns doentes e peregrinos que tenham desejo de ir alli, mas que, por falta de meios, o não possam fazer. Abrimos, pois, uma subscrição a favor d'elles, esperando que para essa subscrição concorram não só os que vão, mas os que ficam.

Transporte.... 5:000
Um anonymo de Grijó..... 200